

O riso redentor em Berger e o carnaval em Bakhtin: Convergência para uma experiência religiosa

Redeeming laughter in Berger and carnival in Bakhtin: Convergences toward a religious experience

Francisco Benedito Leite¹

Resumo: Este ensaio propõe uma leitura comparativa entre *O Riso Redentor*, de Peter Berger, e *A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento*, de Mikhail Bakhtin, com o objetivo de identificar convergências e distinções entre as concepções de comicidade desenvolvidas pelos autores. A análise parte dos contextos histórico e teórico de cada obra e percorre os principais argumentos que tratam do riso como fenômeno cultural. O estudo adota metodologia interpretativa e comparativa, com atenção especial aos trechos em que Berger dialoga com a teoria do carnaval de Bakhtin. Apesar das diferenças de perspectiva, nossa abordagem revela uma convergência que permite uma aproximação teórica profícua entre as propostas desses estudiosos. Com base nisso, argumentamos que ambas as propostas oferecem contribuições relevantes para o campo das Ciências da Religião, ao relacionarem com o transcendente e o sagrado, ainda que por caminhos distintos. Concluímos que a reflexão sobre a comicidade, quando articulada entre Berger e Bakhtin, amplia a compreensão dos vínculos entre cultura, corporeidade e experiência religiosa.

Palavras-chave: Riso Redentor; Carnaval; Berger; Bakhtin; Religião.

Abstract: This essay proposes a comparative reading of *Redeeming Laughter* by Peter Berger and *Rabelais and His World* by Mikhail Bakhtin, with the aim of identifying convergences and distinctions between the authors' conceptions of comicity. The analysis begins with the historical and theoretical contexts of each work and examines the main arguments that address laughter as a cultural phenomenon. The study adopts an interpretive and comparative methodology, with particular attention to the passages in which Berger engages with Bakhtin's theory of the carnival. Despite their differing perspectives, our approach reveals a convergence that allows for a fruitful theoretical

¹ Pós-Doutor em Ciências da Religião (PUC-Campinas), doutor em Ciência da Religião (UFJF) e em Filologia e Língua Portuguesa pela Universidade de São Paulo (USP). Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7295-6285>.

approximation between these scholars' proposals. Based on this, we argue that both approaches offer relevant contributions to the field of Religious Studies, by relating laughter to the transcendent and the sacred, albeit through different paths. We conclude that the reflection on comicity, when articulated between Berger and Bakhtin, expands the understanding of the connections between culture, corporeality, and religious experience.

Keywords: Redeeming Laughter; Carnival; Berger; Bakhtin; Religion.

Introdução

O Riso Redentor, de Peter L. Berger, e *Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento*, de Mikhail Mikhailovich Bakhtin obviamente estão próximas porque ambas realizam reflexões filosóficas – entenda-se ‘filosófico em sentido amplo – sobre efeitos cômicos. Apesar disso, em muitos aspectos as duas obras se distanciam, tanto por causa do momento e pelo contexto histórico-social e cultural em que cada uma foi escrita, quanto pela afiliação teórica distinta de seus autores.

Nosso propósito nesse ensaio é refletir sobre a relação teórica entre essas duas obras. Vamos conferir em quais momentos os argumentos dessas obras convergem e em quais momentos se opõem. Verificaremos o que prevalece, a convergência ou a distinção entre as concepções que têm sobre a comicidade e seus efeitos.

Para a realização de tal exercício comparativo, situamos as duas obras a partir de seus próprios contextos e da vida de seus respectivos autores. Passamos pelas informações de cada uma das obras e de seus autores individualmente e somente depois de uma visão particular sobre cada uma e, em seguida, procedemos com a comparação entre a visão que têm sobre os aspectos da comicidade.

Um fato que não se pode ignorar é que Berger leu a obra de Bakhtin e deve, ao menos parte da reflexão que desenvolveu sobre a comicidade, ao autor russo. Apesar disso, não há propriamente algo que se possa designar como dependência entre os autores, pois a apropriação que Berger faz de Bakhtin é crítica e o livro do sociólogo austríaco tem uma abordagem significativamente diferente da obra do autor russo.

Tendo em vista que *O Riso Redentor* e *A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento* são livros diferentes em muitos aspectos, aplicamo-nos a estudar os pontos em que se nos oferece *tertium comparationis*, isso se dá principalmente nos momentos em que Berger discute a teoria do carnaval de Bakhtin para desenvolver sua teoria do riso redentor. Não nos restringimos a trabalhar só com os textos em que Berger cita ou alude a obra de Bakhtin, mas nossa ênfase recaiu nesses trechos.

O resultado do trabalho crítico que realizamos após a discussão não é nem a proposta de equiparação das teorias dos dois autores, tampouco a oposição absoluta entre as propostas teóricas que ambos os intelectuais realizaram. Ao invés disso, a investigação proposta constrói uma argumentação que valoriza os aspectos convergentes dos argumentos dos dois pensadores, os quais contribuem para uma compreensão do riso a partir das Ciências da Religião.

Sobre esse último aspecto, a respeito de nosso objetivo de construir uma argumentação sobre o cômico que esteja fundamentada nas Ciências da Religião, apesar de nenhum dos dois autores serem propriamente cientistas da religião, justificamos esse objetivo com base na interpretação que ambos realizam sobre o riso. Para Berger o riso aponta para o transcendente, enquanto para Bakhtin, o carnaval aponta para a plenitude. De acordo com nossa abordagem, ambas as expressões estão ligadas, direta ou indiretamente, com uma compreensão da religião.

1. A reflexão de Berger sobre o riso

A obra *O Riso Redentor: A dimensão cômica da experiência humana*², de Peter L. Berger, foi publicada originalmente em 1997, o que indica que esse livro figura entre as obras que o autor escreveu em idade avançada. Nessa época, Berger já tinha um legado consolidado, sua reflexão e suas obras sobre a sociologia do conhecimento já tinham causado significativa influência em várias áreas das ciências humanas. Nessa etapa de sua produção intelectual, destacou-se sua parceria com Thomas Luckmann e a influência de Alfred Schütz, que todavia permaneceria marcante no restante de sua obra em diferentes níveis. Schütz foi o filósofo e sociólogo ao qual Berger e Luckmann atribuíram a influência sobre a teoria da construção social da realidade que eles desenvolveram em suas próprias obras. *A Construção Significativa do Mundo Social: Uma introdução à sociologia compreensiva*³ foi a única obra desse intelectual (1899, Austria – 1959, Nova York) que foi traduzida para a língua portuguesa.

Ao refletir sobre *O Riso Redentor* a partir de um olhar sobre a obra de Berger, por um lado, notamos que o tema dessa obra pode ser considerado periférico. Isso se levarmos em conta que outras de suas obras tinham pretensões mais ambiciosas, enquanto essa reflete sobre um aspecto pontual da cultura que, por mais relevante que seja, não remete a um aspecto estrutural da realidade social se compararmos às reflexões que o autor produziu, por exemplo, em *A Construção*

² BERGER, Peter L. *O Riso Redentor: A dimensão cômica da experiência humana*. Trad. Noéli Correia de Melo Sobrinho. Petrópolis: Vozes, 2017.

³ SCHÜTZ, Alfred. *A Construção Significativa do Mundo Social: Uma introdução à sociologia compreensiva*. Trad. Tomas da Costa. Col. Sociologia 301. Petrópolis: Vozes, 2018.

*Social da Realidade*⁴, escrita em coautoria com Thomas Luckmann, ou *Rumor de Anjos: A sociedade moderna e a redescoberta do sobrenatural*⁵ ou ainda *O Dossel Sagrado: Elementos para uma teoria social da religião*⁶, de autoria solo.

Por outro lado, a obra *O Riso Redentor* não pode ser considerada como se estivesse desligada do restante da produção intelectual de Berger, uma vez que é um estudo sobre um elemento universal da cultura humana – o riso – e, por implicação, o humor e a comicidade, concebidos tanto como fenômenos históricos quanto como experiências subjetivas. Nessa obra, a reflexão do sociólogo é realizada a partir da sociologia do conhecimento, influenciada por Alfred Schütz, que é a corrente que orienta sua reflexão teórica ao longo de toda sua trajetória desde a década de 1960, quando foram publicados originalmente os seus primeiros livros, até a década de 1990, momento em que produziu *O Riso Redentor*.

De modo particular, o que indica a continuidade epistemológica e metodológica entre as primeiras obras de Berger e *O Riso Redentor* é a concepção da realidade como construção social. Em *A Construção Social da Realidade*, Berger e Luckmann vinculam essa concepção diretamente à sociologia do conhecimento. Indiretamente, ela também se relaciona com tradições filosóficas como o idealismo alemão, que influenciaram o desenvolvimento da sociologia interpretativa.

Nesse sentido, podemos entender a concepção da ‘piada’ à luz da expressão “mundos fechados”⁷, que Berger utiliza para explicá-la como fenômeno cultural. Também se torna mais claro o que o sociólogo quer dizer ao abordar a comicidade como “experiência extática”⁸, no sentido de que ela proporciona um escape suave dos hábitos da vida cotidiana. Ambas as expressões empregadas por Berger revelam sua compreensão dos efeitos da comicidade como manifestações situadas no interior de uma realidade socialmente construída.

Para Berger, por um lado, a comicidade proporciona fuga de uma realidade socialmente construída e rigidamente organizada; por outro, também permite a retomada da ordem quando a realidade vivida pelo ser humano se apresenta como contraditória ou caótica. Nessa perspectiva, o autor afirma que o cômico pode ser compreendido como uma “busca pela ordem”⁹ e, ao mesmo tempo,

⁴ BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. *A Construção Social da Realidade: Tratado de sociologia do conhecimento*. Trad. Floriano de Souza Fernandes. 2. ed. Col. Antropologia 5. Petrópolis: Vozes, 1974.

⁵ BERGER, Peter L. *Um Rumor de Anjos: A sociedade moderna e a redescoberta do sobrenatural*. Trad. Waldemar Boff. Col. Antropologia 4. Petrópolis: Vozes, 1973.

⁶ BERGER, Peter L. *O Dossel Sagrado: Elementos para uma teoria sociológica da religião*. Trad. José Carlos Barcellos. São Paulo: Paulus, 1985.

⁷ BERGER, 2017, p. 40.

⁸ BERGER, 2017, p. 51.

⁹ BERGER, 2017, p. 84.

reconhece que “o humor pode ser empregado como uma forma de rebeldia contra a autoridade”¹⁰.

No que diz respeito às relações sociais, Berger observa que “o humor demarca fronteiras”¹¹ entre a identidade de grupos constituídos espontaneamente, uma vez que esses coletivos buscam afirmar sua identidade e, ao mesmo tempo, se diferenciar daqueles que estão fora. A compreensão do que é motivo de riso em determinado contexto social torna-se, assim, um elemento crucial para identificar os temas considerados inadequados ou inaceitáveis dentro daquele grupo.

Em termos epistemológicos, Berger explica que o “humor desmistifica”¹², pois expõe ao ridículo as lacunas presentes em construções ideológicas que tentam se ocultar. Dessa forma, o riso torna-se uma ferramenta poderosa contra sistemas fechados, como os autoritários. Para o autor, a “falta de humor é uma deficiência cognitiva”¹³.

Ainda mais incisiva do que os argumentos apresentados anteriormente, a ligação entre *O Riso Redentor* e *A Construção Social da Realidade* se evidencia pelo uso da imagem da mulher com um bebê no colo, presente em ambas as obras.

Notamos que, enquanto em sua obra mais antiga, Berger, juntamente com Luckmann, evoca essa imagem para explicar como o mundo social é internalizado; na obra mais recente, ele a utiliza para representar o papel simbólico e dialético entre sentido e absurdo, propõe algo que “faz sentido” mesmo diante do absurdo do mundo, caracterizado sobretudo pelo sofrimento.

Embora Berger utilize a imagem da mãe com o bebê no colo de maneiras distintas, é possível compreender que as explicações do sociólogo a partir desse mesmo exemplo estão conectadas de forma sequencial. Primeiramente, o conhecimento da realidade é internalizado pelo indivíduo; em seguida, esse conhecimento torna-se significativo, conferindo sentido à vida humana.

A imagem da mãe com o bebê no colo, usada por Berger em momentos diferentes de sua reflexão teórica, mais uma vez evidencia que *O Riso Redentor* está epistemológica e metodologicamente ligado à sua proposta central quanto à construção social da realidade. Apesar das nuances existentes no modo como a imagem aparece nas duas obras indicadas, verificamos o desenvolvimento de uma teoria que se dá a partir dos elementos estruturais para os não estruturais, como, no caso, é o riso.

Entretanto, sem desconsiderar os vínculos com sua produção intelectual anterior, é importante destacar que *O Riso Redentor* apresenta como alteração em termos de procedimento metodológico essa diferença que foi mencionada, a

¹⁰ BERGER, 2017, p. 115.

¹¹ BERGER, 2017, p. 116.

¹² BERGER, 2017, p. 266.

¹³ BERGER, 2017, p. 266.

passagem da observação do estrutural para a observação do subjetivo. Essa mudança influenciou diretamente a forma como Berger compreendeu, ao final da obra, o significado do objeto de sua investigação - o riso.

Por um lado, a obra mantém conexões teóricas evidentes com seus trabalhos anteriores, como demonstrado nos parágrafos acima. Por outro, observa-se uma ênfase mais pronunciada na experiência humana como ponto de partida para a compreensão da comicidade. Essa inflexão metodológica leva Berger a uma conclusão que pode ser interpretada como teológica: o riso é apresentado como um sinal ou 'eco' de redenção, que aponta para um sentido transcendente mesmo em meio ao absurdo do mundo socialmente construído.

A recorrência da imagem da mãe com um bebê no colo em *A Construção Social da Realidade* e em *O Riso Redentor* nos mostra a passagem de uma análise empírico-sociológica na primeira para uma análise que extrapola qualquer possibilidade de estudo empírico, como seria de se supor em uma abordagem sociológica, na segunda. Em primeiro lugar¹⁴, a imagem da criança é mencionada para indicar o mundo dado ao ser humano, que está dentro das perspectivas de um estudo sociológico; no segundo caso¹⁵, a criança serve para apontar para a transcendência, de um modo que, ao que parece, pode ultrapassar até as fronteiras disciplinares das Ciências da Religião. Assim o procedimento de Berger corresponde com mais precisão à Teologia, tendo em vista que implicitamente há um pressuposto de fé envolvido na argumentação de Berger. A Teologia, a qual nos referimos nesse caso, de acordo com Paulo A. S. Nogueira¹⁶, é compreendida como disciplina acadêmica e por isso figura entre as Ciências da Religião.

Embora em outras de suas obras sobre sociologia da religião, como *Rumor de Anjos* e *Dossel Sagrado*, Berger, que era teólogo de formação, também tenha flertado com a Teologia – por assim dizer –, em nenhum outro caso sua expressão teológica é tão contundente para os resultados que busca como no fechamento do livro *O Riso Redentor*.

O riso é abordado por Berger como uma experiência imediata, em uma perspectiva que se aproxima da adotada por pensadores existencialistas como Kierkegaard e Sartre, que valorizam o vivido no presente da existência humana. O existencialismo é aqui mencionado de modo generalizado, apenas para ilustrar o enfoque subjetivo da análise, sem a intenção de filiar Berger a essa corrente filosófica. Ainda assim, é importante destacar que o riso, na concepção de Berger,

¹⁴ Berger; Luckmann, 1974.

¹⁵ BERGER, 2017.

¹⁶ NOGUEIRA, Paulo A. S. Religião como texto: contribuições da semiótica da cultura. In: NOGUEIRA, Paulo A. S. [org.]. *Linguagens da Religião: Desafios, métodos e conceitos centrais*. Coleção estudos da religião. São Paulo: Edições Paulinas, 2012.

possui um efeito redentor para o indivíduo, ao oferecer uma experiência que transcende a estrutura habitual da realidade social.

2. O carnaval de Bakhtin

Tendo em vista as considerações realizadas sobre *O Riso Redentor*, de Peter Berger, passamos agora a discutir a leitura que o sociólogo faz da teoria do carnaval de Bakhtin, bem como sua importância para o desenvolvimento de suas ideias ao longo da obra, principalmente a importância que desempenha na formulação da conclusão de Berger, segundo a qual o riso pode ser compreendido como um indício da transcendência.

Começamos por apontar que, apesar da interessante convergência entre a teoria do carnaval de Bakhtin e a teoria sobre o cômico de Berger, em *O Riso Redentor*, não se pode exagerar na proporção da influência de Bakhtin sobre Berger, pois Berger faz apenas três citações diretas à obra de Bakhtin¹⁷ e comenta sua teoria num espaço que não deve ultrapassar sete páginas – permeadas de comentários sobre outros autores e outros assuntos – em duas localizações de seu livro, que na edição brasileira tem trezentas e trinta e sete páginas.

Em nota de rodapé, Berger introduz aos seus leitores quem foi Bakhtin de uma forma bastante imprecisa – talvez, possamos dizer que essa apresentação é efetivamente confusa –, como podemos ver no excerto a seguir:

Bakhtin, recentemente, foi redescoberto como um suposto precursor da Teoria Literária Contemporânea. Seja como for, houve uma “escola Bakhtin” na Rússia, na década de 1920, alinhada com a chamada análise do discurso de Ferdinand Saussure e Roman Jakobson. Isso tudo é apenas marginalmente relevante para o argumento deste capítulo (embora insira em um contexto mais amplo a análise de Bakhtin acerca do idioma cômico)¹⁸.

Sobre esse excerto de Berger, podemos apontar que: afirmar que Bakhtin foi um precursor da Teoria Literária é desproporcional, mas essa consideração foi vigente quando se deu o entusiasmo causado pela divulgação de sua obra *A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento*¹⁹; a terminologia “escola Bakhtin” mencionada por Berger não é um termo usado pelos estudiosos do intelectual russo, ao invés disso, utiliza-se recorrentemente “Círculo de Bakhtin”, que, todavia, também é um termo complicado, tendo em vista que historicamente

¹⁷ BAKHTIN, Mikhail M. *Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento*: O contexto de François Rabelais. Trad. Yara Frateschi. São Paulo: Editora Hucitec, 2010.

¹⁸ BERGER, 2017, 159.

¹⁹ BAKHTIN, 2010.

Bakhtin não era figura de destaque entre seus companheiros de pesquisa²⁰. Além disso, Berger não foi o único a cometer o efetivo equívoco de relacionar Bakhtin à análise do discurso e aos estruturalistas Saussure e Jakobson, mas cometeu a infelicidade de realizar as duas afirmações em uma só frase. Mesmo assim, a imprecisão dessas palavras de Berger não afeta a visão geral que ele expõe sobre a teoria do carnaval de Bakhtin. Concordo com Berger que os fatos mencionados sobre a vida do intelectual russo são apenas marginalmente relevantes para o estudo que propõe.

A efetiva confusão que Berger produz ao tratar sobre a vida e o pensamento de Bakhtin, ao apresentá-lo aos seus leitores, deve-se à dificuldade generalizada que havia (e ainda há, embora em menor nível) para se conhecer as informações biográficas de um intelectual russo que viveu marginalizado durante o período do auge da política repressiva stalinista na União Soviética.

Precisamos apontar que Mikhail Mikhailovich Bakhtin nasceu em Orel, em 1895, e viveu até 1975, quando faleceu em Moscou. Tendo nascido em uma família nobre decadente, realizou estudos em grandes universidades russas, mas não concluiu sua graduação. Apesar disso, obteve seu doutorado em Filologia com uma tese sobre a cultura popular de Rabelais que só foi aprovada em 1952, após muitos anos de insistência em um contexto acadêmico que era hostil às proposições fundamentais de sua tese sobre a cultura popular subversiva.

Vale lembrar que Bakhtin foi preso e exilado sob a acusação de envolvimento com movimentos religiosos que eram considerados subversivos pelo regime soviético²¹. Após sua libertação, passou a viver de forma precária, deslocando-se pelas periferias da União Soviética em busca de uma vaga na docência que lhe garantisse o sustento básico. Sua trajetória permaneceu marcada por dificuldades, em grande parte devido à vigilância estatal imposta aos exilados políticos, o que explica os obstáculos enfrentados para publicar suas obras, defender sua tese e conquistar estabilidade profissional.

O fato de ter sido condenado ao exílio por motivos relacionados com práticas religiosas, levou Bakhtin a ser uma pessoa marcada pelo controle estatal da União Soviética. Para se desvincular da perigosa fama de religioso [rus. церковник; transl. *tserkovnik*; port. clérigo] que o acompanhava²², Bakhtin redigiu sua tese sobre Rabelais como um texto rigorosamente ateu, por isso, curiosamente a

²⁰ SÉRIOT, Patrick. *Vološinov e a Filosofia da Linguagem*. Trad. Marcos Bagno. São Paulo: Editora Parábola, 2015.

²¹ COATES, Ruth. *Christianity in Bakhtin: God in the exiled author*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

²² CLARK, Catarine; HOLQUIST, Michael. *Mikhail Bakhtin*. Trad. J. Guinsburg. São Paulo: Editora Perspectiva, 2004.

cristandade medieval descrita por Bakhtin é uma cristandade sem Deus, como apontou o medievalista Aaron Gurevich²³.

Além disso, no que diz respeito à vida pessoal de Bakhtin, o intelectual perdeu uma de suas pernas por causa de osteomielite, e só obteve seu reconhecimento como intelectual no fim de sua vida. Esses fatos levaram ao desenvolvimento de certa compreensão popular de Bakhtin como um mártir da educação e por isso sua pessoa foi amplamente apreciada por sua dignidade, independentemente de sua obra, que também é altamente valorizada.

A obra *A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento*, o único livro de Bakhtin citado por Berger em *O Riso Redentor*, é uma versão da tese de Bakhtin que foi transformada em livro e passou a ser aclamada na União Soviética e no Ocidente a partir da década de 1960, quando alguns jovens formalistas russos a descobriram e divulgaram amplamente.

Certamente há muitos elementos e formulações obscuros no livro de Bakhtin, que ainda devem ser trazidos à luz em breve, pois estudiosos indicam que o autor redigiu seu conteúdo em linguagem esopiana²⁴. Embora não haja consenso quanto a uma interpretação específica dos significados ocultos nessa obra, os principais estudiosos desse livro concordam que, ao contrapor a seriedade do regime oficial ao carnaval popular durante o Medievo, Bakhtin faz uma crítica à política educacional da União Soviética de modo velado. Sem ignorar a densidade e o mistério que ainda envolvem o livro de Bakhtin (2010), podemos dizer, a partir do que está evidente em seu texto, que sua tese se trata de um estudo da obra *Gargantua e Pantagruel*, do renascentista francês François Rabelais (Chinon, c.1494 - Paris, 1553).

O estudo de Bakhtin aponta para o carnaval como um fenômeno cultural vindo de uma antiguidade a perder-se de vista, época em que se manifestava nas antigas Saturnais, passando pelo Medievo, por meio dos carnavais propriamente ditos (apesar de historicamente não existir carnaval antes do século XIII), até alcançar seu auge e se manifestar na cultura cômica do Renascimento por meio das obras de autores como Miguel de Cervantes, William Shakespeare, Giovanni Boccaccio e Dante Alighieri, mas, especialmente, pela obra cômica de Rabelais, na qual converge toda a cultura cômica marginalizada e subversiva do Mundo Antigo e da Idade Média.

De acordo com Aaron Gurevich, em seu artigo “Bakhtin e sua teoria do carnaval”, apontar a existência de um carnaval antes do século XIII é um evidente anacronismo que não seria cometido ocasionalmente pelo estudioso russo.

²³ GUREVICH, Aaron. Bakhtin e sua teoria do carnaval. In: BREMMER, Jan; ROODENBURG, Herman [orgs.]. *Uma História Cultural do Humor*. Trad. Cynthia Azevedo e Paulo Soares. Rio de Janeiro: Editora Record, 2000, p. 83-92.

²⁴ EMERSON, Caryl. *Os 100 Primeiros Anos de Mikhail Bakhtin*. Trad. Pedro Jorgensen Júnior. Rio de Janeiro: Difel, 2003.

Segundo sua compreensão, isso significa que a ideia de Bakhtin era utilizar o termo carnaval para abordar um fenômeno cultural geral, não um evento histórico concreto. Assim, o carnaval e a carnavalização praticamente têm uma função hermenêutica sobre a leitura da realidade histórica.

Nesse sentido, para Bakhtin, tanto na Antiguidade, por meio das Saturnálias, quanto por meio dos carnavais medievais e por meio da cultura popular do Renascimento, manifestava-se em momentos circunscritos a subversiva e eterna cultura do 'povo', que era tomado por ele como uma abstração e qualificado como 'eterno'. Segundo Bakhtin, o fenômeno do carnaval, que está intrinsecamente ligado à cultura popular, manifesta-se em expressões de comicidade, tanto escritas, como gestuais e performáticas; como o riso, a ironia, a paródia, a sátira, os gestos obscenos, as palavras de baixo calão, performances e rituais primitivos e festejos coletivos, que são os carnavais propriamente ditos.

Embora sejam eventuais e não tenham pretensões que ultrapassem a perenidade, as manifestações populares proporcionam a suspensão da cultura oficial, que é opressiva e unilateral. Mesmo que momentaneamente, os carnavais proporcionam a inversão das normas e da própria estrutura da existência e, assim, é concedido ao povo a sensação de liberdade e plenitude que perdeu com o advento do Estado e da sociedade de classes.

Em *A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento*, Bakhtin está particularmente influenciado pelas ideias dos populistas russos, segundo os quais, o surgimento do Estado e da sociedade de classes deu início ao processo de alienação que futuramente proporcionaria o desenvolvimento do capitalismo, que é o grande responsável pela grave condição de alienação em que a humanidade se encontra em sua época. Apesar do tom claramente secular ou mesmo ateu de *A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento*, argumento que há uma expressão religiosa latente nessa obra²⁵. Isso se deve ao fato de Bakhtin ter se apropriado de ideias do populista russo Nicolai K. Mikhailovski²⁶, especialmente ao tratar o surgimento do Estado e da sociedade de classes como uma espécie de "queda" ou "pecado original" que teria acometido a humanidade, submetendo-a a uma condição de alienação e sofrimento, que na realidade concreta é causada pelo capitalismo.

Na obra de Bakhtin, o Estado e a sociedade de classes são apresentados como elementos estruturais que oprimem os indivíduos e os impedem de viver plenamente a experiência humana de outrora. Essas instituições representam uma espécie de "queda" que culminaria no advento do capitalismo, concebido como o extremo na experiência de alienação humana. Em contraste, Bakhtin

²⁵ LEITE, Francisco Benedito. Religião em *A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento* de Mikhail M. Bakhtin. Tese de doutorado em Ciência da Religião. Universidade Federal de Juiz de Fora, 2024.

²⁶ Nicolai K. Mikhailovski, 1982.

propõe o carnaval como a expressão simbólica de um retorno à consciência mítica – uma forma de percepção coletiva associada ao ser humano primitivo, cuja existência se inscreve em um passado mítico, anterior à história e inacessível à ciência. Nessa perspectiva, o carnaval opera como uma suspensão temporária da ordem hierárquica e como uma recuperação imaginária da totalidade existencial perdida.

Mesmo que Bakhtin não seja um filósofo existencialista (como afirmamos que Berger também não é), seu carnaval se expressa subjetivamente. O carnaval e todos os efeitos que estão relacionados com ele se tratam de experiências subversivas que irrompem na realidade opressora da existência concreta. A experiência do carnaval, apesar de subjetiva, manifesta-se na coletividade por excelência, pois a vida individual e enclausurada não pode fruí-la.

É nesse ponto que pode residir uma diferença fundamental entre a teoria de Bakhtin em relação com a perspectiva de Berger em *O Riso Redentor*, pois o sociólogo parece atribuir ênfase significativamente menor à importância do aspecto comunitário da comicidade, concentrando-se mais em sua dimensão individual e existencial.

3. O riso em Berger e o carnaval em Bakhtin

Como mencionamos, apesar de certa confusão que Berger faz ao apresentar Bakhtin, o modo como ele interpreta o carnaval bakhtiniano é coerente com o pensamento do autor russo, como podemos ver adiante. Em primeiro lugar, identificamos que Berger distinguiu o carnaval bakhtiniano como um termo genérico, de modo diferente do que fizeram alguns estudiosos que criticaram Bakhtin porque seu conceito é anacrônico. Parece convincente que o carnaval de Bakhtin não se situa em um momento da história em particular, antes, caracteriza-se como um fenômeno que perpassa a história do grande tempo e se manifesta nas realizações cômico-populares em diferentes etapas da história da humanidade, tendo seu ápice no Renascimento.

Berger também estava consciente quanto à ligação simbólica do carnaval bakhtiniano com os antigos rituais e demais manifestações folclóricas da Antiguidade, na verdade, de um passado mítico não situado na história. O elemento que liga os eventos carnavalescos que se situam em diferentes momentos da história é denominado por Berger mais de uma vez em seu livro como “idioma do carnaval”²⁷. Segundo o sociólogo, a expressão bakhtiniana “realismo grotesco” expressa o “idioma do carnaval”.

O fato de Berger ter compreendido que “carnaval” para Bakhtin é um termo genérico, não histórico, e que há um “idioma do carnaval”, ao invés de

²⁷ BERGER, 2017, p. 159.

uma cronologia de eventos carnavalescos historicamente situados, levou o sociólogo a propor que a subversão apresentada em *A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento* deva ser compreendida em sentido metapolítico. Berger também afirma: “Este riso é, de fato, subversivo, mas em um sentido muito distante de qualquer teoria marxista da consciência revolucionária”²⁸.

Berger utiliza a ideia de “mundos fechados” para explicar a expressão cômica restrita das piadas, o que, por conjectura, também pode explicar outras expressões da comicidade na cultura, as quais se restringem a grupos sociais que possuem traços de identificação construídos em oposição aos de fora. Berger também encontra essa ideia de “mundos fechados” na obra de Bakhtin ao citar de forma direta um trecho em que o autor russo menciona que o riso constrói seu próprio mundo.

Importante acrescentar que Berger teve contato com as críticas mais incisivas que foram feitas à obra de Bakhtin, pois o contexto das instituições de fala alemã foi onde *A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento* foi mais duramente criticada²⁹. Berger era austríaco, logo seu idioma materno era o alemão, por isso teve contato com a visão negativa característica da Alemanha que se dirigiu contra a obra de Bakhtin. Berger chega a citar um aspecto negativo do livro de Bakhtin, mas faz questão de destacar os aspectos positivos da visão que o autor russo tem sobre a cultura popular da Idade Média, apesar das críticas.

Conforme indicaram as leituras de *O Riso Redentor* e de *A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento*, o riso e o carnaval se manifestam como expressões de liberdade. Em Berger, a liberdade reside na forma como o riso pode, simultaneamente, proporcionar a superação da construção social da realidade e possibilitar a retomada do sentido diante de um cenário de caos existencial. Já em Bakhtin, o riso coletivo expresso pelo carnaval conduz o ser humano a uma experiência de identificação com sua condição primitiva, caracterizada por uma vivência de liberdade plena.

Consequentemente, a partir das concepções de ambos os autores, chega-se à ambivalência como condição que está diretamente relacionada com a experiência de liberdade que o riso redentor e o carnaval proporcionam ao ser humano. Enquanto em Berger a ambiguidade do riso é clara por que este é o elemento que ora organiza, ora desorganiza a realidade socialmente construída pelo conhecimento humano; em Bakhtin, por sua vez, o carnaval é ambíguo porque restaura ao ser humano sua condição primitiva, mas ao mesmo tempo, mantém-no ligado a existência presente, porque não passa de uma sensação

²⁸ BERGER, 2017, p. 160.

²⁹ WALL, Anthony. Ligações insuspeitas entre carnaval e dialogismo. *Revista Bakhtiniana*. São Paulo, v.1, n.3, p.9-28, 2010. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/bakhtiniana/article/view/3367/2237>. Acesso em: 28 de julho de 2025.

carnavalesca, e não se trata da efetiva suspensão da realidade concreta, que poderia se caracterizar como estado de loucura caso fosse uma sensação permanente.

A expressão de liberdade proporcionada pelo riso para Berger aponta para o transcendente, uma estrutura de sentido além da construção da realidade realizada pelo conhecimento humano. Enquanto isso, na perspectiva ateísta de Bakhtin, não há transcendente, não há experiência nem expectativa além da corpórea, mas nem por isso pode-se negar a experiência religiosa, uma vez que a sensação carnavalesca se dá como um sentimento de plenitude ou de reencontro com a ‘re-união’ com a essência perdida no passado mítico. Isso parece estar em conexão com o que aponta o historiador das religiões Mircea Eliade³⁰, no que diz respeito à busca da “totalidade primordial” como um elemento essencial da experiência religiosa.

A subversão, como característica dos fenômenos culturais cômicos, que produzem o riso e que fazem parte do mundo do carnaval, faz parte das concepções dos dois estudiosos que estamos discutindo. No entanto, deve-se dizer que, tanto para um quanto para outro, a subversão é simbólica e perene. Não há possibilidades de se relacionar o riso e o carnaval com qualquer proposta de efetiva revolução social na realidade concreta.

Talvez o mais importante para uma reflexão realizada a partir das Ciências da Religião seja o modo como Berger e Bakhtin relacionam o riso com o sagrado, embora cada um deles faça isso de uma maneira diferente em suas respectivas obras. Em primeiro lugar, Berger propôs que o riso transcende a realidade social construída, o que se constitui como uma expressão teológica. Bakhtin, por sua vez, apresentou o carnaval como a experimentação da unidade primitiva que fora perdida, o que se caracteriza como essencial na experiência religiosa segundo Eliade³¹.

Considerações finais

Nossa leitura de *O Riso Redentor*, de Peter Berger, e de *A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento*, de Mikhail Bakhtin, proporcionou-nos uma perspectiva sobre o riso que o integra ao domínio da religião. Apesar de nem Berger, tampouco Bakhtin terem realizado pesquisas sobre Ciências da Religião, o modo como cada um desses autores abordou o riso como fenômeno cultural proporcionou uma conexão do riso com a Teologia, que pode ser considerada uma das Ciências da Religião, no caso de Berger; e com uma expressão religiosa latente, no caso de Bakhtin que escreveu um livro de tom claramente ateu.

³⁰ ELIADE, Mircea. *Mefistófeles e o Andrógino*: Comportamentos religiosos e valores espirituais não europeus; Col. Tópicos. Trad. Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

³¹ ELIADE, 1999.

A importância da teoria de Bakhtin sobre o carnaval se mostrou inequívoca para que Berger desenvolvesse sua teoria sobre o riso redentor. Apesar disso, não há dependência entre os dois autores, mas uma apropriação crítica, uma vez que Berger extrapolou as perspectivas sociológicas por entender o riso como uma expressão de transcendência, enquanto Bakhtin propôs que pelo carnaval o ser humano experimenta a plenitude comunitária e corpórea que se perdera num passado indeterminado. Ambas as perspectivas são expressões religiosas, embora sejam significativamente diferentes.

Chama a atenção que apesar das resoluções das teorias de Berger e de Bakhtin se distinguem significativamente uma da outra, os argumentos que as constroem estão significativamente aproximados, o que se evidencia pela predominante (embora não absoluta) simpatia que o sociólogo austríaco dirige à obra do filólogo russo.

Além da diferença que há entre a perspectiva teológica, que Berger desenvolve como conclusão de sua reflexão sobre o riso redentor, e a expressão religiosa latente, que apontamos na teoria do carnaval de Bakhtin, há também a significativa diferença entre a ênfase que o russo coloca na comunidade, enquanto o austríaco ignora esse aspecto, propondo o riso redentor como uma experiência existencial e individualista.

Destacamos a importância dos temas “riso” e “comichidade” para as Ciências da Religião no atual contexto acadêmico em que nos inserimos no Brasil, tendo em vista que, segundo os estudiosos abordados nesse ensaio, trata-se de um fenômeno fértil para a reflexão teórica em nossa área de pesquisa.

Referências

- BAKHTIN, Mikhail M. *Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: O contexto de François Rabelais*. Trad. Yara Frateschi. São Paulo: Editora Hucitec, 2010.
- BERGER, Peter L. *O Dossel Sagrado: Elementos para uma teoria sociológica da religião*. Trad. José Carlos Barcellos. São Paulo: Paulus, 1985.
- BERGER, Peter L. *O Riso Redentor: A dimensão cômica da experiência humana*. Trad. Noéli Correia de Melo Sobrinho. Petrópolis: Vozes, 2017.
- BERGER, Peter L. *Um Rumor de Anjos: A sociedade moderna e a redescoberta do sobrenatural*. Trad. Waldemar Boff. Col. Antropologia 4. Petrópolis: Vozes, 1973.
- BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. *A Construção Social da Realidade: Tratado de sociologia do conhecimento*. Trad. Floriano de Souza Fernandes. 2. ed. Col. Antropologia 5. Petrópolis: Vozes, 1974.
- CLARK, Catarine; HOLQUIST, Michael. *Mikhail Bakhtin*. Trad. J. Guinsburg. São Paulo: Editora Perspectiva, 2004.

COATES, Ruth. *Christianity in Bakhtin: God in the exiled author*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

ELIADE, Mircea. *Mefistófeles e o Andrógino: Comportamentos religiosos e valores espirituais não europeus*; Col. Tópicos. Trad. Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

EMERSON, Caryl. *Os 100 Primeiros Anos de Mikhail Bakhtin*. Trad. Pedro Jorgensen Júnior. Rio de Janeiro: Difel, 2003.

GUREVICH, Aaron. Bakhtin e sua teoria do carnaval. In: BREMMER, Jan; ROODENBURG, Herman [orgs.]. *Uma História Cultural do Humor*. Trad. Cynthia Azevedo e Paulo Soares. Rio de Janeiro: Editora Record, 2000, p. 83-92.

LEITE, Francisco Benedito. *Religião em A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento de Mikhail M. Bakhtin*. Tese de doutorado em Ciência da Religião. Universidade Federal de Juiz de Fora, 2024.

NOGUEIRA, Paulo A. S. Religião como texto: contribuições da semiótica da cultura. In: NOGUEIRA, Paulo A. S. [org.]. *Linguagens da Religião: Desafios, métodos e conceitos centrais*. Coleção estudos da religião. São Paulo: Edições Paulinas, 2012.

SCHÜTZ, Alfred. *A Construção Significativa do Mundo Social: Uma introdução à sociologia compreensiva*. Trad. Tomas da Costa. Col. Sociologia 301. Petrópolis: Vozes, 2018.

SÉRIOT, Patrick. *Vološinov e a Filosofia da Linguagem*. Trad. Marcos Bagno. São Paulo: Editora Parábola, 2015.

WALL, Anthony. Ligações insuspeitas entre carnaval e dialogismo. *Revista Bakhtiniana*. São Paulo, v.1, n.3, p.9-28, 2010. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/bakhtiniana/article/view/3367/2237>. Acesso em: 28 de julho de 2025.

Submetido: 19/03/2026

Aprovado: 09/07/2026